



**Os rios,
as torrentes de imagens,
os jogos de adivinhas
de Luandino**

Luiz Maria Veiga¹

Em 1921, então com dezenove anos, Langston Hugues, nascido em Joplin, Missouri, publica um poema que se tornaria famoso: “The Negro Speaks of Rivers”. Começa assim: “I’ve known rivers: / I’ve known rivers ancient as the world and older than the flow of human blood in human veins. // My soul has grown deep like the rivers.”² Em 2006, depois de mais de vinte anos sem oferecer obra de ficção escrita depois de 1981, José Luandino Viera publicou novo romance, cumprindo velha

¹ Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Pesquisa: *Retratos do colono, do colonizador: a representação literária da minoria branca em Nós, os do Makulusu e em outras narrativas angolanas*. Ficcionista. Endereço eletrônico: veigaluiz@uol.com.br

² “Langston Hugues 1902-1967” in Emanuel, James A. and Gross, Theodore L. (edit.). *Dark symphony Negro literature in America*. New York: The Free Press, London: Collier-MacMillan, 1968, p. 204.

promessa: *O livro dos rios*, primeiro volume de uma prometida trilogia que tem por título geral *De rios velhos e guerrilheiros*. Depois da página de rosto, de um agradecimento, da dedicatória e da epígrafe, antes do início do texto, há uma página apenas com o título e uma inscrição em inglês entre parênteses: A retribute to Langston Hughes. E o romance começa: “Conheci rios. // Primevos, primitivos rios, entes passados do mundo, lodosas torrentes de / desumano sangue / nas veias dos homens. // Minha alma escorre funda como a água desses rios.” Em seguida ficamos sabendo que é um negro (“Negro Speaks”) quem está nos dizendo isso: “Só que, na guerra civil da minha vida, eu, negro, dei de pensar: são rios demais — vi uns, ouvi outros, em todas mesmas águas me banhei é duas vezes.” (p. 15)³

Nas dez primeiras linhas do romance, Luandino já propõe ao leitor dois enigmas, duas adivinhas: a descoberta do poema de Hugues e sua releitura (o “human blood” virou “desumano sangue”) e a inversão da conhecida frase atribuída a Heráclito de Éfeso (“ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”). Luandino Vieira não quer leitores preguiçosos, não serve para embalar longas digestões, nem para leituras desatenciosas, sonolentas, em viagem. A literatura de Luandino, pelo menos desde *Luuanda* (1964), requer atenção total, é um desafio permanente à capacidade de decifração do leitor. Basta que nos lembremos de *Nós, os do Makulusu* (1975). E por falar neste romance, os leitores terão a oportunidade de reencontrar, n’*O livro dos rios*, numa reunião de guerrilheiros, “Kibiaka, o parabelo, pássaro traquino” (p. 39).

Os textos de Luandino são narrativas de alguma forma aparentadas aos jinongonongo da tradição oral. Lembremos que até um enigma visual, a figura hieroglífica que está na p. 81, é proposto aos leitores, a quem não será permitido, de maneira alguma, permanecer passivos. O autor nunca será lido por nenhuma multidão e, pelo texto que escreve, podemos dizer, não está preocupado com isso. Oswald de

³ As citações identificadas apenas com o número da página referem-se ao livro resenhado.

Andrade, se provocado, talvez dissesse que a massa dificilmente comerá, mas que é, com certeza, muito, muito fino o biscoito que ele fabrica.

A ficção de Luandino é construída de maneira mais semelhante à fatura da poesia que à da prosa mais comum e corrente. As imagens torvelinham ante nossos olhos, sucedem-se também num turbilhão sonoro (é, muitas vezes, texto para ser lido em voz alta), e vão se fixando no imaginário do leitor. A terra angolana cortada por seus muitos rios, as paisagens, a natureza evocada por Luandino, de grande presença no livro, tem algo da multiplicidade de visão possibilitada pelo cubismo, pintura feita de palavras mescladas, em quimbundo e português, prosa altamente substantivada, densa, espessa de sentidos. A transcrição de um parágrafo talvez possa dar uma idéia mais exata disso tudo que estamos dizendo:

Isto é: conheço rios. De uns dou relação; de outros memória. Rios raivosos, rebeldes, rebelados; rios d'água suja, cega de sangue; raros rios calados de medo debaixo do voo dos helicópteros, rios de pele d'água arripiada; rios de escorregar rude, pedreguentos, retintos de lamas e choro, espuma rouca — o Mukozo, o das água de verde chá-de-caxinde, muxito de bananal ensombreado suas galerias, museu de todas as musas, sujas de nome de dicionário tuga; banana-ouro, banana-prata, banana-cobre que a gente chamamos é banana-roxa. Tudo assim, musa paradisíaca crismada pedra, vil, metálica — para ambiciosos; cobiçosos; astuciosos exploradores, gente e nomes de alma nua, sem espírito da terra. Mas, por suas terceiras margens, alvorada, sempre ainda crescia a que é nossa, a nossíssima: a bananeira-cambuta, anã, de pé ventricoso, as rijíssimas folhas curtas que não são bandeira de vento, não camacozam, firmes em nervura e talo vermelho. Outras, quimbundas, que eram em nome da terra a humilde sakala, pão; pangu, presente; monangamba, para tudo serve; até a kamburi, de pastor e gado. À rebeldia do mundo, à revelia de conquistadores e degredados, brancos-de-quibuzo que nunca

rasparam a língua, nas suas águas claras por esse riozinho acima prosperavam clandestinas. (p. 17)

O leitor interessado poderá descobrir aí vários jinongonongo a decifrar. E também visualizar os “rios calados de medo debaixo do voo dos helicópteros, rios de pele d’água arripiada” se se puser na pele do narrador, o guerrilheiro Kene Vua, i. é, Sem Azar, dentro da água, caçado pelos helicópteros ou por fuzileiros tugas, um dos episódios rememorados por ele nesse repassar de uma trajetória pessoal que é o romance. Poderá até evocar o terror do ataque dos helicópteros sobre a aldeia vietnamita em *Apocalypse now* (1979), o filme de Francis Ford Coppola, para entender por que os rios ficam “calados de medo”. As bananeiras plantadas na beira do rio, suas diferentes alturas e formatos, uma paisagem que poderia ser tão tipicamente brasileira, faz com que nos lembremos que a terra de origem da banana é a África⁴, e é por esta razão que elas estão assim tão presentes neste parágrafo.

A natureza de construção poética da prosa de Luandino pode também ser percebida na transformação constante dos nomes dos personagens, cambiantes como as águas dos rios. O protagonista um dia foi “Diamantinho” (p. 106), depois foi “Kapapa” (p. 101), é chamado por outro personagem “Kene Nvua” e proclama ser “camarada Kene Vua” (p. 46). Num outro episódio, posterior ao da fuga aos flechas, aos fuzileiros de quem ele se esquia dentro do rio, Kene Vua evoca seu comandante que é a princípio “Ndiki Dia” (p. 38), depois “meu camarada Andiki” (p. 44), “meu sempre comandante Henriques Dia” (p. 40), “Henrique Dias, comandante da coluna” (p. 47), seu destino no pós-independência “perdido nas confusões de setenta-e-sete” (p. 56) e sua ligação com o Brasil: “esse que foi espírito dum tetravô dele, libertador de Pernambuco nos mafulos anteontem, contra os tugas amanhã” (p.119). Também o traidor, o ladrão do povo, entregue a Kene Vua para

⁴ “Dois alimentos, um americano — a mandioca —, outro africano — a banana —, ganham (...) importância nas duas margens do Atlântico Sul (...)” ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 91.

execução de sentença é “o Batuloza, guerrilheiro ex-nosso”, é o “sapador Amba-Tuloza” (p. 38), é “o Batuloza, mabeco acaçado” (p. 39) e é, ainda, “de seu nome indígena Domingos João” (p. 48). O capitão Lopo Gravinho de Caminha, com quem o protagonista, ainda garoto, acompanhando seu pai, navegou pelo Kwanza a bordo do *Ndalagando*, que ele comandava, transmuda-se em Lopo Cravinho; Lopo Gavinho; Lopo Kipêxi, de Caminha; mestre Lopinho; capitão Cravinho; capitão Lopo; Gouvinho; capitão-mor Lopo Gravinho.

As narrativas múltiplas (navegação no Kwanza durante a infância, disputa pela formação lingüística do protagonista: pai pelo quimbundo, capitão Lopo pelo português; Kene Vua escapando aos fuzileiros; vida na guerrilha, julgamento e execução de Amba Tuloza) que compõem a torrente principal do romance não se sucedem ordenadamente, estão superpostas, entrelaçadas, de novo cabe ao leitor separar uma da outra, ordenar-lhes a sequência, orientar-se nesta navegação sempre agitada, redemoinhante. À voz de Kene Vua vem se juntar a lembrança de uma outra voz, Noé da Silva, também dito Kabaia, um preso a quem o narrador atribui uma sabedoria de cinco séculos. Com intervenções que são como afluentes da narrativa principal, ele corrige, acrescenta, faz histórico e dá notícias de resistências mais antigas oferecidas ao colonizador.

Outro aspecto a ser destacado, na multiplicidade dos que se entrelaçam para formar a tessitura do romance, é a experiência sensorial. O leitor pode, com o protagonista, ver, não ver, ouvir, ter medo, sentir frio, sentir calor, esperar que a calma volte a dar o ritmo do coração:

Aí, de novo, fechei meus olhos, apertei de esmagar as meninas deles, queria ouvir as vozes outra vez. Mas só um sol negro se apagou por dentro da água na minha volta, pepetelou uma sanzala de estrelas e ouvi, como hoje agora lá, um tiroteio, a meia-rajada espicar o pau de acácia na margem do rio. Meu coração coxa nas águas dentro da boca, ouvidos limpos, olhos

fechados, e um calor me subiu pelas pernas, era o mijo a amarelar meu respirar, acobardou toda a água do rio. Esperei a música do silêncio, fumo sem pólvora, até meu coração ritimar — afinal que era só o passarinho-sumbo, o tal tiroteio. No abrir dos meus olhos, o risco vermelho de suas penas perdidas no azul e branco do voo esvoaçou o ar por cima da minha cabeça. Aquele passarinho disparava seu bico duro no tronco da muanza, a chuva ia voltar, ele mergulhou-se, reviegou na babugem da margem, subiu. Meus olhos foram com ele, no oco dos ouvidos senti bater o silêncio perigoso dos dois fuzileiros, longe. (p. 23-24)

Ainda que atentemos para a recorrência fluvial no romance angolano (basta lembrar rapidamente *Rioseco* e *A casa do rio*, de Manuel Rui, *A casa velha das margens*, de Arnaldo Santos), *O livro dos rios* é uma experiência literária única, e será para cada leitor uma travessia muito pessoal. Para quem pudesse julgá-lo um autor do passado, talvez morto para a literatura, Luandino mostrará a quem aceitar o desafio que está muito vivo, e mostrou mais uma vez seu incontestável talento e a qualidade maior do romancista: assumir o lugar do outro, colocar-se no lugar dele, recriar e compartilhar com os leitores a imaginação de uma experiência que nunca foi sua, já que o tempo da guerrilha contada no romance ele passou na prisão. Mas isso não importa, o que importa é que ele conseguiu, provavelmente a partir de leituras e de relatos alheios, e com seu extraordinário talento criativo, alimentar nossa imaginação com uma série de experiências que, ao fim, quase duvidamos não serem reais, não serem nossas, pessoais. Talvez ao fim da leitura possamos repetir, com Kene Vua, sua procura, nossa procura: “Três coisas maravilham na minha vida, a quarta não lhe conheço: voo da jamanta-negra no ar de chuva; rasto da jibóia no sussurro da pedra; sombra das águas em fundo do mar — o caminho do homem na morte...” (p. 23)

VIEIRA, José Luandino. *O livro dos rios*. Lisboa: Caminho, 2006. Col. Outras Margens, 58. (Primeiro volume da trilogia *De rios velhos e guerrilheiros*.) 139 p.
